

RAPGOL



NEGA CLÉO



0 00035 54562 0

RAPGOL

*Cris Faria, mais conhecida como **Nega Cléo**, é uma figura multifacetada que transita por diversas áreas da cultura e da arte, desde o rap até o funk, passando pela poesia, educação e produção cultural. Sua trajetória é marcada por coragem e a busca constante pela autonomia e autenticidade, tanto em sua vida pessoal quanto profissional.*

Desde 2017, quando iniciou sua jornada na comunicação através de uma oportunidade de migração de área, até a criação da GRIOT, sua própria empresa de assessoria voltada para o protagonismo negro e antirracista, Cris tem se dedicado a transformar seu conhecimento e suas experiências em ferramentas de resistência e empoderamento.

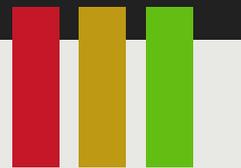
Sua conexão com a espiritualidade e sua busca por autoconhecimento também são fundamentais em sua trajetória. Além de suas atuações no mercado de trabalho, Cris tem se destacado por seu engajamento com questões de identidade, saúde mental e questões de gênero, mostrando o quanto seu percurso não é apenas profissional, mas também de profunda transformação pessoal.

Em entrevista exclusiva, Cris compartilha com a gente como essa trajetória a levou a criar um novo olhar sobre sua carreira, suas vivências no mercado artístico e cultural, a importância de se reconhecer enquanto mulher, não-binária e pansexual, além de contar sobre os desafios e reflexões que marcam sua caminhada.

Este é apenas o começo da conversa com Nega Cléo, uma mulher que, com sua força e autenticidade, continua a inspirar e a promover mudanças significativas no cenário artístico e social.



Entrevista e Intro: Bruno "CRIAA" Inácio
Produção: R4PRESS



RAPGOL - Você pode nos contar um pouco sobre o início da sua trajetória na área de relações públicas? Como se deu sua entrada no universo da assessoria artística?

NEGA CLÉO- Entrei na área em 2017, por meio de uma oportunidade de migração dentro da startup onde trabalhava no setor de atendimento e vendas. Na época, aceitei reduzir

praticamente pela metade o meu salário para assumir a vaga de analista júnior, mesmo com minha faculdade trancada em uma universidade estadual do interior. Abracei a oportunidade com todas as forças, o que me proporcionou uma base técnica sólida para o trabalho que realizo hoje.

Na startup, eu era responsável pela Assessoria de Imprensa e pela gestão (...)





do Twitter institucional, além de administrar as contas do CEO e da área de tecnologia, que tinham suas próprias pautas e publicações. No entanto, percebi rapidamente as limitações do ambiente de startups para o crescimento profissional. Assim, quando retomei os estudos, decidi aceitar um estágio na Avon, uma empresa com a qual eu já tinha forte conexão, sendo consumidora desde muito jovem e revendedora há cinco anos na época.

Desde o tempo em que trabalhei no GetNinjas, eu já sonhava em migrar para o meio artístico, motivada pelo meu desejo pessoal de me tornar uma artista profissional. Queria trazer para esse universo as dinâmicas que aprendi nos setores de tecnologia, empreendedorismo e inovação, mesmo sabendo que o meio artístico seria bem diferente.

Aqui, vale destacar o impacto da espiritualidade na minha trajetória, especialmente desde 2017, quando entrei para o Candomblé. Alguns meses antes de começar na Avon, tive uma intuição de mandar uma mensagem no inbox do Facebook para Rincon Sapiência. Eu o conheci por meio da música Sandália, da Karol Conká, e senti uma conexão espiritual muito forte.

Quando ouvi Rincon cantar sobre a falta de mestres de cerimônia com essência no Rap, tive ainda mais certeza de que era nesse tipo de trabalho que eu queria estar envolvida. Um trabalho que promovesse consciência racial e social, mas que, como ele mesmo diz, não fosse apenas sobre nossas dores ou marcado por tons pesados, mas também por celebração e luta.

Deu certo! Rincon respondeu à minha mensagem e, alguns meses depois, me convidou para fazer parte da equipe do MGoma, seu novo selo musical, responsável por gerir sua carreira de forma 360°. A equipe é composta majoritariamente por pessoas negras, reforçando um propósito que para mim foi um marco: propósito alcançado!





RAPGOL - Trabalhando com artistas de diferentes estilos e gêneros, quais foram os principais aprendizados que marcaram sua carreira até aqui?

NEGA CLÉO - *Tudo estava fluindo muito bem até que chegou o ano de 2020. Com ele veio a pandemia, que impactou o meio artístico de forma repentina e severa. Shows foram cancelados, o isolamento social tornou-se realidade, e, mesmo com o movimento das lives, o cenário não conseguiu oferecer as mesmas condições financeiras que a vida na estrada proporcionava aos artistas.*

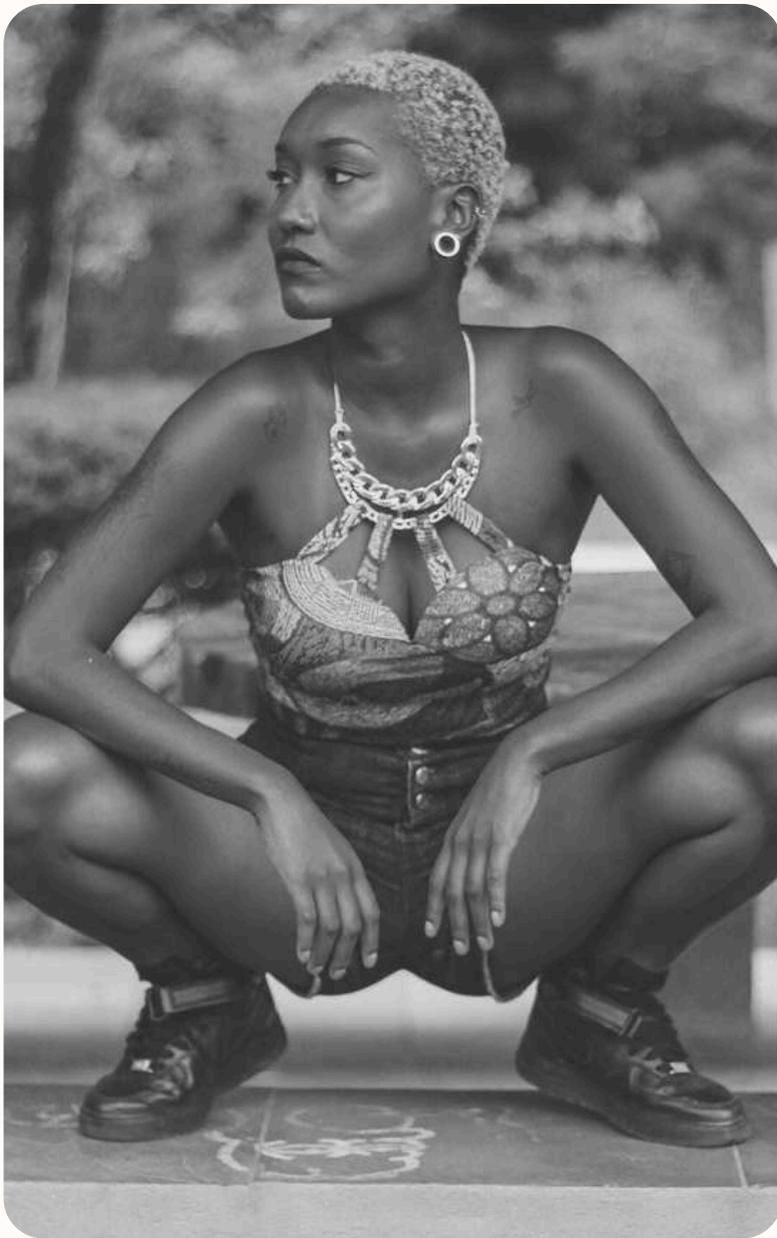
Na época, fiquei bastante desorientada. Foi a primeira vez que fui demitida. Até então, eu sempre havia pedido demissão para ir para empregos melhores. Desta vez, não apenas eu não tinha outro emprego na manga, como também foi minha primeira experiência profissional com contrato de pessoa jurídica. Isso significou enfrentar uma demissão sem o respaldo financeiro necessário, em um momento delicado: recém-formada e recém-saída da casa dos meus pais.

Ainda assim, fui segurando as pontas. Passei a oferecer leituras de tarô online, uma atividade que começou a ter muita



procura, dada a crise de saúde mental e a necessidade de acolhimento espiritual que marcaram aquele período. Enquanto isso, analisava todas as possibilidades à minha frente: voltar para um contrato CLT, aceitar um novo trabalho como PJ ou empreender.

Naquele momento, diversos artistas independentes já me procuravam para assessorá-los. Porém, conciliar a carreira do Rincon, meu TCC e a recém-descoberta vida de dona de casa (de plantas e pets, rs) era inviável (...)



Foi aí que percebi que era hora de dizer sim para os artistas, produtores culturais e organizadores de eventos que admiravam meu trabalho com o Rincon e queriam uma assessora preta ao seu lado.

A GRIOT surgiu após um período de imersão em estudos sobre filosofia africana. Particpei de uma imersão de 15 dias em Saúde Holística Africana, ganhei uma bolsa no curso de Introdução à Filosofia Africana com Katiuscia Ribeiro, e, por fim, fiz uma mentoria com o perfil

"Organizando com a Deusa". Foi com essa mentoria que entendi que não teríamos chegado até aqui sem a organização impecável dos Quilombos.

Esse período de aprendizado me inspirou completamente. Daí surgiu o nome, o conceito e a identidade visual da GRIOT, que foi anunciada no Dia da Consciência Negra de 2020. Já tinha tantos clientes interessados que precisei filtrar para assumir apenas o que conseguiria dar conta naquele momento. Também aprendi, desde o início, que a demanda cai bastante após o mês de novembro.

A GRIOT foi criada com o propósito de ser uma empresa preta, feita por pessoas pretas e para pessoas pretas. Junto com a empresa, comecei a organizar grupos no WhatsApp focados no protagonismo negro e em pautas antirracistas. Essas iniciativas me trouxeram convites para participar de mesas em eventos, palestras em universidades e projetos voltados ao empreendedorismo e à gestão cultural e artística independente. Como boa comunicadora e geminiana com Mercúrio em Gêmeos, apenas segui o fluxo do Universo (risos).

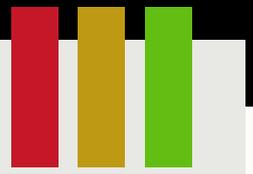


RAPGOL - Como você vê a importância, impacto e representatividade de projetos como o novo álbum do MC Lan no cenário atual e como você acredita que ele pode influenciar outros artistas?

NEGA CLÉO - Novamente, a espiritualidade me passou uma mensagem sobre meu caminho profissional através da música, mas, dessa vez, não foi no Rap, foi no Funk. Depois de ser bombardeada por cortes da entrevista do MC Lan no Flow Podcast, passei 3 dias assistindo, anotando e estudando as mensagens que ele se esforçou em passar ali como Caio ou como V3nom, seu novo alter ego, para deixar cada vez mais para trás o personagem que o levou até ali: o próprio Lan.

Quando um preto favelado repete coisas que você ouviu nos últimos anos de pessoas diplomadas, brancas e negras, sobre o futuro midiático, é de se prestar atenção com mais afinco. Eu fiquei extremamente intrigada com o baú gigante de conhecimento que ele tem. Realmente não sabia que ele era poliglota, e muito menos o que o tinha levado a sumir do mapa da música depois de chegar ao topo: ganhar um Grammy com a Anitta e cantando FUNK! Depois dessa entrevista, eu saí convicta de algumas questões das quais ainda estava bem confusa.

Eu amava muito trabalhar com o Rincon. Foi uma virada de chave muito grande na minha vida em relação a tudo o que eu acreditava sobre o mercado de trabalho, relações de afeto, respeito e até mesmo sobre prosperidade (...)



Eu vivi muitas crises existenciais depois dessa demissão. Mesmo depois de abrir minha empresa e trabalhar com diversos segmentos artísticos e culturais, focados somente em pessoas negras, e no paralelo ainda conciliar com trabalhos fixos em jornada integral para lugares como Secretaria Municipal de Cultura, Globoplay, Netflix e Red Bull, quanto mais ascendi de salário e cargo, menos as coisas faziam sentido para mim.

No final do dia, a sensação de esgotamento mental e esvaziamento do meu propósito se agravava. Muitos burnouts depois, crises de ansiedade, fases depressivas, dúvidas até mesmo sobre a minha competência e intelectualidade, passei por mais uma demissão. Só que, dessa vez, ao invés de me entristecer, parece que eu renasci!

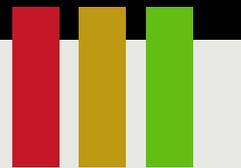
Eu saí dali com a confirmação (lembra do meu forte lado espiritual, né?) de que meu caminho era com a GRIOT. E, conseqüentemente, com a Nega Cléo, que foi a inspiração, através do meu trabalho na poesia e no slam, para me desenvolver musicalmente.

No resumo, as principais mensagens que me captaram foram sobre ser um líder periférico;



a necessidade do relacionamento e conhecimento de novas culturas; as viagens do céu ao inferno em relação à sua saúde mental; e, a mais importante para o meu trabalho atualmente, que é sobre sermos nossas próprias mídias.

O que alterou totalmente minha dinâmica de visão de negócios, de carreira, de autoconhecimento e, conseqüentemente, resgatou a minha fé em mim mesma.



RAPGOL - Um de seus projetos recentes envolve a personagem Glória Sechat no OnlyFans. Pode nos contar mais sobre como essa ideia surgiu e qual é o conceito por trás desse projeto?

NEGA CLÉO - *Desde 2022, coloquei na cabeça que precisava entrar no mundo da criação de conteúdos adultos através de plataformas como o Privacy e OnlyFans. Para quem me acompanha na internet, seja no Instagram, WhatsApp ou LinkedIn, com certeza será uma surpresa receber essa informação, já que eu sempre expus um perfil mais recatado, mesmo em fotos artísticas de biquíni.*

Mas eu estava vivendo um momento de amadurecimento pessoal e redescobrimto em relação à maneira como eu me via enquanto mulher. Também refletia sobre o meu lado masculino, que sempre me acompanhou e foi motivo de muito bullying na escola, e até hoje gera confusão por estar relacionado ao meu lado mais zombeteiro, que recentemente, inclusive, se assumiu também corinthiano.



Desde 2022, passei a me assumir enquanto pessoa não binária, pansexual e não monogâmica. São quebras de padrões de pensamento tão complexas e profundas para quem se abre ao processo de autoconhecimento, que, para aqueles acostumados a apenas seguir ordens, regras e viver no automático, podem soar como "assunto chato ou desnecessário". Como se a busca e o reconhecimento de nossa identidade não devessem ser a prioridade acima de qualquer outra coisa, antes de ego, dinheiro, status (...)

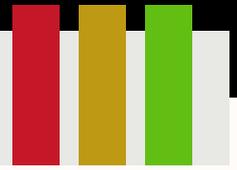




No fim, mais uma crise depressiva me atingiu no final daquele ano, e eu só consegui me recuperar dela este ano. Com isso, o projeto ficou engavetado e eu planejava colocá-lo em prática no final deste ano. Até que meu processo de desenvolvimento espiritual se intensificou ao ponto de eu receber a orientação de que essa energia e esse trabalho de cunho erótico não eram para esse segmento, mas sim para a própria música. Também passaram a ser uma parte importante do meu processo de autorreconhecimento e resgate ancestral através dos tambores do funk.

Ainda assim, todo esse processo catártico me inspirou a, futuramente, retornar ao meio acadêmico para elaborar uma tese de mestrado sobre “Como plataformas de conteúdo adulto empoderaram desde atrizes pornôas a prostitutas devido ao isolamento social decorrente da pandemia”. E, olha, essa é uma pauta que estou com muito sangue nos olhos para fazer acontecer. Estou reunindo bons profissionais para serem porta-vozes comigo nela, tanto dentro quanto fora do meio acadêmico.





RAPGOL - Como mulher negra e periférica, quais foram os principais desafios que você enfrentou para consolidar seu espaço no mercado de artes e entretenimento?

NEGA CLÉO - Bom, quem tem fé em Deus não acredita em coincidências. Eu me sinto extremamente abençoada pela maneira como fui recebida e validada no meio artístico enquanto uma profissional preta, com conhecimentos do sistema, tal qual uma Robin Hood,

provando para quem nunca acreditou que o impossível pode acontecer. Isso se dá a partir do que chamamos de o 5º elemento do Rap: o Conhecimento.

Se mais pessoas pretas periféricas, de um modo geral – e não só mulheres, até porque não me identifico mais apenas com esse gênero – tivessem acesso a 1/3 das oportunidades que eu tive, como ter o currículo que tenho, ser trilingue e entender a importância de buscar conhecimento constante, acredito que as favelas, como as conhecemos hoje, talvez deixassem de existir.

Quantos hackers do mal poderiam estar gerindo grandes negócios se a única porta aberta para eles não tivesse sido o crime? Quantas mulheres poderiam não acreditar que apenas seus corpos têm valor, mas também sua intelectualidade, criatividade, capacidade de gestão de projetos e de pessoas? E quantas poderiam ser lideranças exemplares, transformando sonhos individuais em realidades coletivas, como venho fazendo com a GRIOT?



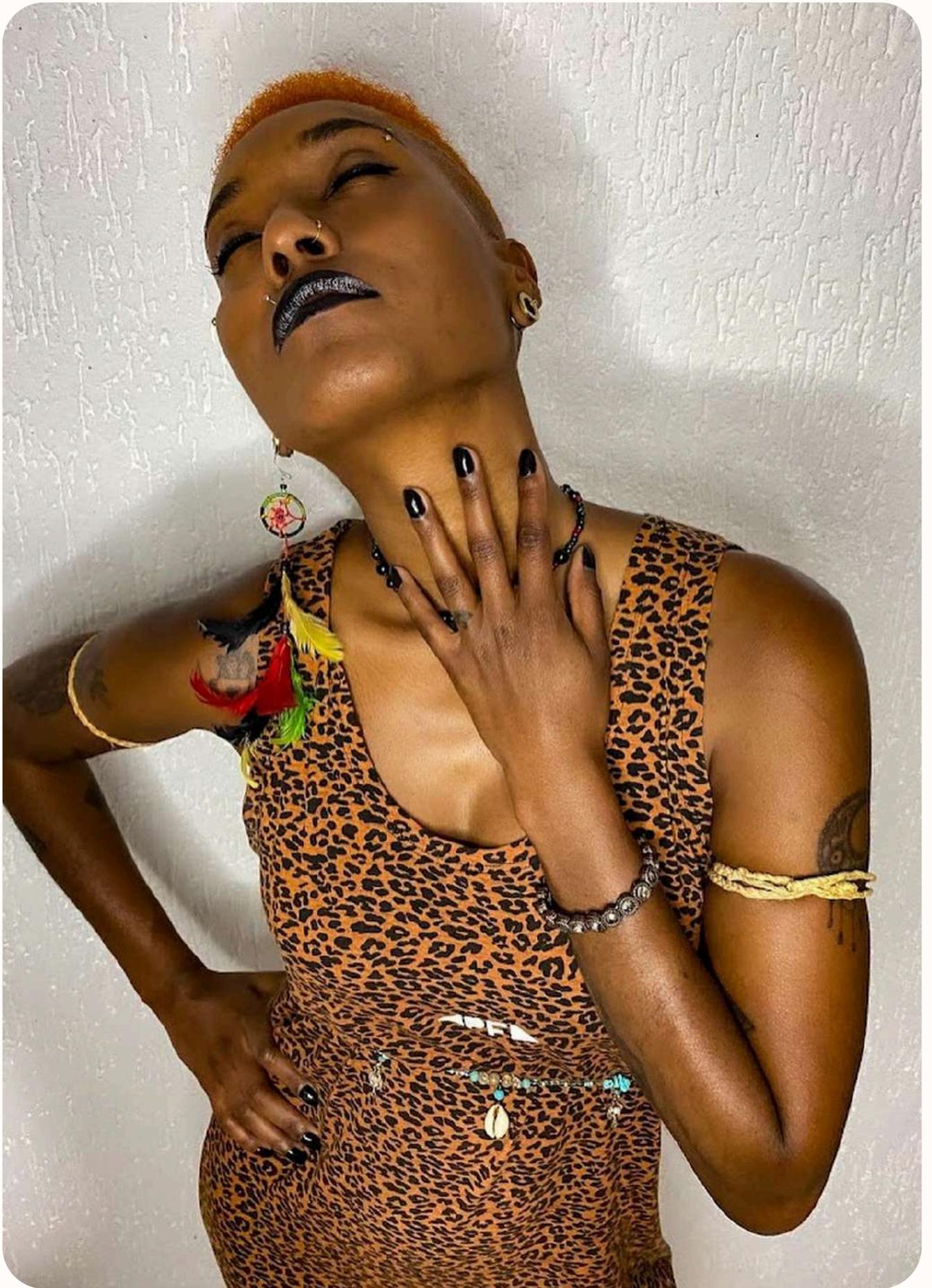
Eu criei a GRIOT para ser uma agência de comunicação que atendesse artistas de Rap, mas, quando percebi, já estávamos no Funk, no Reggae, na MPB, no Samba. Da música, ampliamos para as artes visuais, audiovisuais e outros projetos ligados à cultura ancestral que atendemos ao longo desses últimos anos.

Acredito que as dificuldades só mudam de forma porque, no Brasil, o reconhecimento do empreendedorismo enquanto uma arte negra não existe. As primeiras empreendedoras do Brasil foram as quituteiras, mas hoje o empreendedor só é considerado como tal se pertencer a uma classe social específica. Essa classe tem acesso a mais crédito porque, muitas vezes, não precisou sujar o nome para conquistar o que tem.

Se você vem de uma família com uma rede de contatos no mercado, é muito mais fácil acessar investidores, parceiros e patrocínios. Enquanto isso, pessoas periféricas, muitas vezes, sequer sabem como abrir um CNPJ.

Acredito que as oportunidades de acesso à informação que tive – estudando em escola particular a vida toda, fazendo cursinho e entrando em uma universidade pública – foram essenciais para que eu fosse aceita como “a negra única” em muitos espaços. Foi apenas ao expandir minha consciência racial e social dentro da universidade que percebi que tinha me tornado o token de diversidade racial das empresas.







RAPGOL - De que forma você enxerga a importância de ocupar esses espaços como mulher negra, especialmente na indústria criativa?

NEGA CLÉO - Chega a ser uma ironia eu ter que dizer que precisam ter mais pessoas como eu no ambiente corporativo. Mas, agora eu finalmente entendi que minha missão é romper com esse ciclo do “Perigo da história única”, como Chimamanda menciona.

Entendi que preciso ser paciente e diplomática, para ser vítima do racismo e, ao mesmo tempo, não deixar que ele me oprima. A partir do momento em que decido não mais me calar sobre os assédios, discriminações e exclusões morais e sociais que as dinâmicas desses ambientes oferecem aos corpos negros que ascendem da limpeza e da segurança para os cargos estratégicos e de liderança dentro das organizações.

Quando finalmente consegui chegar na meta do meu TCC, fui demitida e impulsionada a focar 100% nos meus projetos. O tema da minha monografia foi: “Como as Relações Públicas podem influenciar no aumento de mulheres em cargos de liderança em multinacionais”.

O mais curioso é que demorei muito para me graduar. Entre o período em que eu não sabia direito qual curso, e conseqüentemente qual profissão queria, até fazer três anos de cursinho (mesmo tendo estudado em escola particular) para entrar duas vezes na universidade pública – porque antes de me graduar em Relações Públicas fiz três semestres de Farmácia-Bioquímica – e lidar com minhas crises de pânico e depressão, só consegui me formar em 2019.

Ou seja, mesmo tendo tanto acesso, a falta de referência dentro de casa de outras pessoas com os mesmos acessos me deixou desorientada. Provavelmente essa deve ter sido uma das minhas primeiras crises existenciais, sem que eu soubesse o que isso significava na época.





RAPGOL - Como surgiu a ideia de reunir produtores, jornalistas e artistas negros?

NEGA CLÉO - *Com a minha vivência em saraus, tive vontade de realizar uma edição especial em um sarau que frequentava muito no meu aniversário de 2019. Porém, deu tudo errado, e isso acabou me inspirando a criar meu próprio evento, que na época foi em formato de festival, na Casa Amarela Quilombo Afroguarany.*

Desde 2022, o evento mudou para um formato mais intimista, com o nome Encontro Poder Preto, sendo realizado na Aparelha Luzia. O formato do evento envolve uma roda de conversa, feira afroempreendedora, sarau e alguma intervenção artística. Já tivemos, inclusive, uma edição colaborativa com um cliente da GRIOT que estava lançando seu livro sobre as nossas referências negras.

Nesse sentido, o Encontro Poder Preto se torna um espaço para realmente se encontrar, expandir e trocar ideias, fomentar a economia criativa negra e apresentar nossa arte dentro da própria comunidade, por meio de eventos realizados exclusivamente em quilombos urbanos.



Para 2025, nosso plano é tornar o formato independente, evoluindo com captação de recursos e descentralizando o evento. A ideia é passar por quilombos urbanos em todas as regiões de São Paulo, além de levá-lo também para Casas de Hip Hop.

Para 2026, já temos planos de voltar com o formato de festival, apresentando uma proposta de conceito e curadoria artística que pretende revolucionar a cena da música eletrônica e periférica. Esse novo formato vai caminhar em paralelo com as novas faces artísticas que a Nega Cléo pretende apresentar ao mundo em breve.



RAPGOL - Quais são os principais pilares da GRIOT Assessoria e como vocês trabalham para construir uma rede de apoio e fortalecimento da cultura negra?

NEGA CLÉO - A GRIOT nasce com um propósito muito bem definido: dar luz à importância do registro das nossas criações na mídia, tanto para a posterioridade quanto para referência das gerações atuais. Além disso, busca garantir que sejamos nós mesmos os porta-vozes de nossas histórias.

Depois de ouvir muito sobre como a mídia estava disposta a “dar voz à periferia”, entendi que a periferia não precisava de voz,

mas sim de microfone, para falar por si mesma. E, para usar o microfone, sempre haverá alguém nos bastidores – seja mentorando, assessorando ou impulsionando – para que o artista possa ser ele mesmo e não um robô, moldado pelo que acha que deve exercer diante das câmeras.

O jornalismo deve retratar fatos e a realidade, mas, se editores e jornalistas vêm de uma realidade única, e o artista acredita que a mídia estará sempre ao seu favor, torna-se ainda mais importante contar com uma assessoria que ajude a compreender esse jogo de relações.

A partir das minhas aulas e palestras como Arte-Educadora de artistas, dos conteúdos das nossas curadorias que circulam entre grupos de WhatsApp semanalmente e do espaço que criamos, permitimos que artistas sem acesso a curadores possam se conectar. Por exemplo, um artista pode estar no mesmo grupo que um curador, apresentar seu trabalho e ser convidado para um novo evento. Ou até mesmo ver alguém como o DJ Cia no grupo e sentir que seu sonho de ser produzido por ele está mais próximo (...)

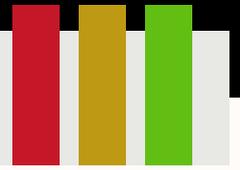


Em conexão com esse propósito, mas vindo de uma perspectiva mais pessoal, as principais mensagens que a Nega Cléo quer transmitir são refletidas no projeto “Você Pode 🦊🔥”. Nele, com um único avatar, ressignifico e transmito pautas sobre diversidade de padrões estéticos de beleza, raça, gênero, sexualidade, o reggae como minha raiz musical e, agora, com o novo drop, também sobre o ativismo canábico.

Para 2025, a GRIOT, em parceria com a Confraria dos Pretos, planeja um evento físico inspirado na proposta do grupo Música Preta Independente. Esse grupo surgiu em uma sala no aplicativo Clubhouse, com o objetivo de compartilhar informações acessadas por músicos reconhecidos na cena e grandes curadores de eventos, como os do Rock In Rio.

Na época, o aplicativo não funcionava em Android, e criamos o grupo para repassar links, eventos e editais. Agora, a proposta é trazer isso para um evento físico, com palestrantes, artistas e produtores, além de pockets shows de artistas iniciantes.





RAPGOL - Para fechar, quais são suas expectativas para os próximos anos na indústria de entretenimento, e que mensagem você deixaria para mulheres negras que desejam seguir uma carreira na área?

NEGA CLÉO - *Não posso ser leviana aqui, sou uma pessoa que trabalha com a verdade. A área musical é uma das mais arriscadas e difíceis para que um artista independente consiga se destacar e se manter exclusivamente de forma digna a partir dessa renda.*

Por isso, entendo que, em primeiro lugar, deve-se ser bem frio e racional sobre o seu próprio sonho e compreender que a construção para realizá-lo só virá com alguns sacrifícios. No entanto, sua estabilidade financeira ou emocional não deveria ser um deles.

“Não aposte todas as suas fichas num caminho só, não deposite todos os seus ovos na mesma cesta.” Reflitam mais sobre essas sabedorias ancestrais que dizem muito com pouco. Voltem às suas raízes familiares, ao seu berço caso tenham se distanciado. Busquem reconhecer sua criança interior, que provavelmente foi quem deu esse sonho a vocês.



Assim, quando tudo, absolutamente tudo, começar a dar errado, vocês não acabarão entrando em depressão ou em um estado de vitimismo constante, achando que todos ao seu redor devem ser responsáveis pelo seu sonho junto com vocês. Só vocês são responsáveis por fazer seus sonhos acontecerem, mesmo em um sistema que nos mostra que ele não foi feito para isso. É necessário se preparar para a guerra espiritual que será travada e, principalmente, cuidar de si mesmo (...)



Acredito que essa visão e esses conselhos valham para qualquer artista, independente do seu gênero ou sexualidade. Também é importante lembrar que pautas de diversidade já saíram da agenda das empresas. Portanto, se for dar a cara a tapa pelas suas bandeiras, saiba que isso não será necessariamente o que trará mais abertura com marcas hoje em dia. O que faz a diferença é ter uma identidade e um posicionamento bem definidos.

Quanto às expectativas, acredito que, com base nos feedbacks do público e nas revoluções femininas em diversos segmentos musicais, cada vez mais mulheres perderão o medo de se expressar pela arte. Quem não segue uma receita de bolo ou o efeito manada provará que o que importa é a identidade e o propósito, mais do que investimentos em tráfego pago.

Os artistas também vão entender que precisam ser criadores de conteúdo e, inclusive, compreender de marketing digital. Caso o rock realmente volte a crescer, será interessante observar se o público mais jovem do trap (masculino, como aponta a Ebony) estará disposto a se aprofundar em pautas ou se continuará vendo a música apenas como fonte de entretenimento, sem conexão com ativismo ou consciência política.

Acredito ainda que os artistas precisam aprofundar suas próprias referências, não apenas musicais. Como bem exemplifica o Lan na entrevista ao Flow, o artista precisa estudar e vivenciar coisas fora de sua bolha. Isso o ajuda a sair de determinadas zonas de conforto e o desafia a criar coisas novas.



RAPGOL



DESDE 2019

RAPGOL



LEIA A ENTREVISTA COMPLETA



LINK NA BIO



CURTA



COMENTE



COMPARTILHE



SALVE

RAPGOL



0 00035 54562 0

DESDE 2019